

Jornal do Nuances:
análise da construção de um periódico gay

The Jornal do Nuances:
analysis of the construction of a periodical gay

Fernando Luiz Alves Barroso

Professor da Universidade Federal de Sergipe.

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

fernando.barroso@terra.com.br



Resumo

Este artigo é uma parte do relatório de pesquisa apresentado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação. O título da pesquisa é *Jornal do Nuances: a prática midiática de uma Ong de Porto Alegre (RS) para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”*. A tese tem como objetivo analisar o *Jornal do Nuances*, um meio de comunicação produzido, desde 1998, por uma Ong da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, com o interesse principal de levantar e explicar os temas recorrentes e as posições políticas e ideológicas sustentadas pelo jornal. No presente texto, busca-se apresentar o processo de construção do referido jornal pela Nuances a partir da interpretação de seus militantes a respeito dos desafios postos ao movimento homossexual brasileiro na década de 1990.

Palavras-chave: Imprensa homossexual. Imprensa alternativa. Movimento homossexual brasileiro.

Abstract

This article is part of a research report presented to the Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) as partial requirement for obtaining a doctorate degree in Communication Sciences. The title of the research is *Jornal do Nuances: the media practice of an NGO from Porto Alegre (RS) for a political comparison between the “middle class gay” and the “bicha bafona” (the queer people)*. The objective of the thesis was to explain the *Jornal do Nuances*, a means of communication produced since 1998 by an NGO from the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Our main interest consisted of raising and explaining recurring themes and the political and ideological positions supported by the newspaper regarding those themes. In the present text, we tried to present the construction process of the referred to newspaper by the Nuances NGO from the perspective of its supporters in respect to the challenges faced by the Brazilian homosexual movement in the decade of 1990.

Keywords: Homosexual Press. Alternative Press. Brazilian Homosexual Movement.

O *Jornal do Nuances* é uma publicação gay, com periodicidade irregular, em formato tablóide, que circula desde janeiro de 1998. Editado pelo *Nuances – grupo pela livre expressão sexual*, organização não governamental de Porto Alegre (RS) voltada para a defesa dos direitos humanos dos homossexuais. Até o número 32, de março de 2005, o *Jornal do Nuances* circulou com 12 páginas.¹ As edições 33, 34 e 35 foram publicadas com 16 páginas e as subsequentes, com as 12 páginas do projeto original. Sua distribuição é gratuita e ocorre em lugares de sociabilidade homossexual, como também em universidades, centros culturais, sindicatos, etc. O jornal também é distribuído em várias cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Tomamos como ponto de partida a idéia de que o *Jornal do Nuances* é gerado no ambiente do movimento homossexual brasileiro e, em particular, na cidade de Porto Alegre. Portanto, existe em função dos (ou é contaminado pelos) desafios, das dinâmicas, das divisões internas e dos processos inerentes a esse movimento. Deve-se levar em conta sua condição de instrumento (ou ferramenta) para atender a objetivos e a estratégias na luta contra a homofobia. O *Jornal do Nuances* reflete (e existe para refletir) sobre essas divisões, esses desafios e processos e para sugerir trilhas no seu enfrentamento.

Um estudo sobre um jornal com as características do *Jornal do Nuances* permite um número considerável de questões para serem tomadas como ponto de partida. Um aspecto a ser levado em conta, por exemplo, é o fato de que esse periódico não é um jornal “grande”, produzido a partir de uma estrutura organizativa complexa. Um jornal “maior”, mais ambicioso na disputa com os demais órgãos da mídia pela influência na (e/ou formação da) “opinião pública” (mesmo mantendo-se sob as exigências políticas e culturais do que Downing (2002) chama de “mídia radical alternativa” como, por exemplo, o *República*, de Portugal, ou o *Il Manifesto*, da Itália), tende a ter uma estrutura organizativa burocratizada e hierarquizada.² As organizações editoriais daqueles jornais europeus mantinham departamentos administrativos (o diretor financeiro, os editores, etc.), redação e gráfica com funções claramente definidas. Segundo Downing (2002, p. 352), o *Il Manifesto* chegou a ter 160 profissionais envolvidos em sua produção e uma divisão de trabalho complexa.

Em relação a tais estruturas, pode-se dizer que o *Jornal do Nuances* é um jornal “pequeno”, “modesto” e “simples” em vários sentidos. A estrutura

¹ À exceção das demais edições, a de número 7, sem data, circulou com apenas 8 páginas.

² O autor discute as experiências dos jornais *República* e *Il Manifesto* na terceira parte, dedicada aos estudos de caso de sua obra, chamando atenção para os aspectos das estruturas organizativas que produziram esses periódicos (Cf. DOWNING, John D. H., 2002).

organizacional, o número de pessoas envolvidas, o processo de produção e a divisão do trabalho definida internamente para tal processo, os recursos materiais disponíveis, os métodos de produção e o perfil profissional dos seus editores dão a medida do contraste entre os referidos periódicos. Nesse sentido, para lançar mão de termos já amplamente incorporados ao léxico do senso comum, pode-se dizer que o *Jornal do Nuances* é um “*jornalzinho*”, um “*jornaleco*”, quase insignificante, do ponto de vista do seu “tamanho” e da sua “importância relativa”.

No entanto, assim como os jornais europeus referidos, pode ser definido como uma *mídia radical alternativa*. A variável cuja presença efetiva permite essa definição é a postura política e cultural que move seus fazedores, o processo de edição e o perfil editorial geral dos três jornais. No *Jornal do Nuances*, essa postura consiste no combate ao que os *nuanceiros* reconhecem como estratégias de *silenciamento*, *apagamento*, *estereotipização* ou ainda de *normalização* e *domesticação* que a mídia comercial e alguns setores do movimento homossexual promovem a respeito dos homossexuais. Dessa forma, contribui com a visibilidade transgressora dos homossexuais como meio de conquistar o respeito e a cidadania.

Seffner (2006, p. 30) chama a atenção para os “impasses políticos” que vêm sendo gerados em decorrência do crescimento da visibilidade de orientações sexuais dissociadas do padrão heterossexual. Um dos procedimentos geradores desses impasses é as tentativas provenientes de diferentes “agências da sociedade” no sentido de *normalizar gays*, lésbicas e travestis.³ O autor lembra que tais impasses são gerados também no interior das próprias organizações do movimento homossexual e, em Porto Alegre, em afinidade (continuidade) com certas “particularidades gaúchas”, exprimem-se pela bipolaridade entre as principais organizações constitutivas desse movimento.

Com base nesse argumento, acreditamos que o *Jornal do Nuances* representa uma tentativa do grupo Nuances de reagir a certos *impasses* gerados dentro do movimento homossexual brasileiro e local. Nesse grupo, essa tentativa consiste basicamente na crítica e na rejeição da normalização/domesticação dos homossexuais que o Nuances vê como prevalentes nas políticas das entidades do movimento e na proposição da

³ Referindo-se às estratégias *normalizadoras* acionadas por essas agências, afirma Seffner (2006, p. 30): “a sociedade busca *normalizar* (grifo do autor) gays, lésbicas e travestis, insistindo na inclusão daqueles que são monogâmicos, daqueles que mantêm uniões estáveis, daqueles que revelam possuir boa condição econômica, enfim, dos que se esforçam por parecer *normais* e são bem comportados. [...] Entre as lésbicas, a situação não é diferente, com o claro prestígio daquelas que são discretas, bem-sucedidas, decididas e empreendedoras sem perder a feminilidade”.

visibilidade transgressora como alternativa política “verdadeiramente transformadora” das relações de poder vigentes.

Assim, podemos analisar esse jornal como um veículo de comunicação voltado para a proposição, por uma Ong do movimento homossexual brasileiro, da visibilidade transgressora dos gays, as lésbicas, as travestis e as transexuais como alternativa ao silenciamento, à estereotipização, à normalização e à domesticação daqueles grupos sociais, promovidas pela mídia comercial e pelo movimento homossexual como caminho apropriado para a consolidação de sua cidadania e para a transformação da sociedade.

Neste texto, nosso interesse é discutir a experiência do *Jornal do Nuances* a partir de sua origem institucional, da concepção de mídia que orienta sua produção, de seus objetivos políticos, de sua sustentabilidade financeira, de sua estrutura organizativa, de seu processo de produção e, ainda, das definições internas a respeito do conteúdo e/ou das posições político-ideológicas defendidas.

O *Jornal do Nuances* surge num momento (o final dos anos 1990) muito específico do movimento homossexual brasileiro e do grupo Nuances. Os desafios particulares daquele momento (ou a interpretação que a entidade fazia daqueles desafios) dão a conformação das *condições geradoras* desse jornal. Certamente, a emergência da epidemia da Aids no Brasil, nos anos 1980, e o fato de os homossexuais masculinos terem sido um grupo social fortemente atingido na fase inicial dessa epidemia e de diferentes instituições (a mídia informativa hegemônica, por exemplo) favorecerem a difusão do imaginário sobre a Aids como “peste gay” ou “câncer gay”. Isso foi decisivo para a revisão dos desafios do movimento homossexual brasileiro, sendo o grupo Nuances uma das organizações que punham para si as tarefas de reflexão e de enfrentamento desses desafios.

Naquele período, as organizações do movimento homossexual brasileiro vinham assumindo perfis institucionais diferenciados em relação às organizações pioneiras e estavam redirecionando seus objetivos e práticas políticas. Enquanto as organizações da primeira fase assumiam um caráter “alternativo”, “antiautoritário”, “libertário”, “comunitarista” e visavam a superação da sociedade capitalista em última instância, as entidades dos anos 1990 priorizavam sua institucionalização (inclusive com a instalação de sedes para as diferentes entidades) e restringiam suas bandeiras de luta a questões específicas dos homossexuais.

Assim, deve-se considerar que o período era marcado pela emergência da epidemia da Aids e das respostas coletivas em favor de seu

controle/prevenção. Dentre as respostas mais significativas, pode-se destacar a formação das ONGs/Aids, sua pressão junto ao Estado em favor de políticas públicas para o controle da epidemia e o tratamento dos portadores do vírus HIV, a criação da Coordenação Nacional de HIV/Aids do Ministério da Saúde, a criação dos Projetos Aids I e II pelo Ministério e o estabelecimento de parcerias entre ONGs e Estado para o desenvolvimento de projetos de intervenção entre os então chamados “grupos de risco”.

O Nuances insere-se nesse processo e, a partir de 1995, começa a desenvolver projetos de intervenção para a prevenção do HIV/Aids em Porto Alegre com recursos do Ministério da Saúde. O *Jornal do Nuances* emerge em 1998 na esteira desses projetos e, por meio das posições que sustenta, busca expressar a reflexão do grupo que o produz sobre os desdobramentos institucionais e políticos do movimento homossexual brasileiro na década de 1990.

Na conjuntura em que o jornal surgiu, a entidade estava envolvida com o desenvolvimento dos projetos “Poa noite homens”, “Fortalecimento das ações preventivas” e “Pegação segura”.⁴ Tomados em conjunto, esses projetos voltavam-se para o estímulo à adoção de “práticas sexuais seguras” pelos homossexuais masculinos como meio para a redução dos índices de infecção pelo HIV entre os indivíduos identificados como tal e também para o reforço de sua visibilidade (para além dos limites do gueto, rompendo com a clandestinidade), autoestima e direitos humanos. Um entendimento mais rigoroso do significado institucional e político do *Jornal do Nuances* requer a recuperação da visão *nuanceira* sobre aqueles projetos.

Num histórico do projeto “Poa noite homens”, publicado em um documento produzido pela entidade em 2003, afirma-se que:

O projeto “Poa Noite Homens” surgiu em decorrência da participação de alguns militantes do nuances que faziam parte do Gapa/RS em 1994. O nuances estava em formação e os participantes tinham a idéia de que era preciso desenvolver algum trabalho direcionado aos gueis, em Porto Alegre. Naquele momento a epidemia de aids estava com uma incidência grande entre os homossexuais e Porto Alegre era uma das cidades com maior incidência de infecção do HIV junto a esta população. Isto motivou o grupo a participar de uma concorrência em nível nacional,

⁴ No documento intitulado *Nuances: trajetória de um grupo guei e lésbico em Porto Alegre*, publicado pelo grupo em janeiro de 2005 tre os anos de 1995 e 2000, para divulgação no Fórum Social Mundial, o grupo informa que o “Poa noite homens” durou em o “Fortalecimento das ações preventivas” teve início em 1998 e estava em andamento até aquela data e o “Pegação segura” tinha iniciado em 2000 e também ainda estava em andamento.

com o incentivo principalmente de Adelmo Turra, então militante do Gapa/RS (2003, p. 8).

Sobre a estratégia adotada para o desenvolvimento do projeto, esse mesmo documento informa que:

No início do projeto, o Nuances não tinha uma inserção com os estabelecimentos gueis da cidade e isto motivou a elaboração de um diálogo com os proprietários, no sentido de apresentar os objetivos do trabalho a ser desenvolvido. Percebemos que a questão da AIDS causava resistência em alguns proprietários, bem como nos gueis frequentadores destes lugares. O Nuances não era muito conhecido, o que também fez-se desafiador. A clandestinidade dos gueis e dos próprios lugares era muito maior. Com o passar do tempo fomos mostrando que o trabalho era sério. As intervenções com preservativos e materiais instrucionais foram abrindo caminho e quebrando barreiras. [...] O projeto proporcionou que o Nuances tenha uma credibilidade em estabelecer parcerias com muitas destas casas, sendo possível a confecção de materiais com apoio de seus proprietários (2003, p. 11).

E acrescenta que:

A proposta aproximou o grupo à população, fazendo com que a organização tivesse contato maior com a realidade e, por consequência, produzindo interação que a legitimasse a atingir seus objetivos e tornar o trabalho efetivo. Ganhando credibilidade, pois o grupo se fazia presente junto ao universo do projeto, provocou visibilidade em torno das homossexualidades e da própria atuação de um coletivo organizado que para muitos, no início, eram incômodas e que, com o passar do tempo, foram compondo o cenário das homossexualidades em Porto Alegre. O impacto sobre a população alvo foi imediato, pois ela não estava acostumada com este tipo de intervenção e de interlocução. Para o Nuances, isto se tornou fundamental, na medida em que era sabido que para ter sucesso no projeto e no trabalho do grupo seria necessário tal aproximação. Esta experiência trouxe uma valorização da autoestima da população alvo, que com o passar do tempo foi se aproximando cada vez mais do grupo. *O projeto ampliou-se no momento em que tomou caráter político, estendendo-se a outras esferas da sociedade. O maior ganho, certamente, foi a credibilidade que o projeto deu à organização, possibilitando que se estabelecessem outras parcerias e outros objetivos* (2003, p. 7).

Os aspectos principais da reflexão interna sobre o sentido dessa prática podem ser percebidos na afirmação de que:

Durante este processo previu-se uma importante discussão e definição política das funções que o grupo iria assumir, durante os próximos anos. Afinal, seríamos uma “ONG AIDS” ou uma “ONG que desenvolveria, junto a outras ações, atividades contra o HIV/Aids”? Esse questionamento proporcionou um amadurecimento ideológico frente aos desafios que se colocaram na atuação anterior do grupo, principalmente devido à imaturidade presente, em algumas entidades, quando apenas fazem o papel que deveria ser exercido pelo Estado, perdendo, destarte, o potencial de transformação social; impedindo que o público alvo seja, na medida da execução das atividades, protagonista e responsável nas ações implementadas (2003, p. 8).

A primeira dessas citações indica que alguns *nuanceiros* (editores do jornal) são egressos da experiência (prática) anterior no GAPA/RS e têm (trazem) uma avaliação a respeito dos princípios ordenadores e dos métodos empregados nesse tipo de atividade pelo Ministério da Saúde e por aquela entidade. Conforme os termos das citações seguintes, é possível apreender o teor político de sua avaliação. Na verdade, a emergência da Aids, sua letalidade e incidência *devastadora* sobre o público alvo visado pelo grupo representaram uma porta de entrada para o desenvolvimento de sua atuação externa e para se fazer “conhecido” entre os homossexuais e a sociedade mais ampla. Assim, para os *nuanceiros*, a Aids representou uma “infeliz”, “chocante”, “oportuna” e “imperdível” ocasião para o grupo fazer sua inserção social e alcançar seus objetivos (políticos) fundamentais.

A prevalência da perspectiva política na reflexão e na prática *nuanceiras* decorre da imagem que os ativistas do grupo desenvolvem sobre a entidade que constituem. Em entrevista para esta pesquisa, um dos coordenadores afirma:

Nós somos um grupo político. Não teria porque, pra nós do Nuances, as pessoas que estão aqui, estar fazendo militância do jeito que a gente faz... A gente gasta tantas horas por dia, sem ganhar muito. É porque nós acreditamos. Nós somos meio idealistas. Eu acho que a diferença do Nuances é que nós somos idealistas. Então, prá nós, essas questões de política têm um peso extremamente significativo. Então nós não perdemos a oportunidade de estar nos posicionando. Seja numa nota

simples ou num editorial. Se pegar os editoriais, lá a gente fala umas bobagens, mas fala coisas políticas. E em alguns artigos. Então, pra nós, politicamente, é fundamental, é prioritário, a gente mexer com essa coisa toda que está aí. Essa relação política. Seja do movimento social. A relação com o Estado, com o partido. Nós achamos que essa é uma coisa fundamental pra nós. Nós não estamos numa ong simplesmente pra ser mais umas bichas *close*. Pra aparecer. Ou pra ter aquele poderzinho bobo. De estar aparecendo. Nós estamos numa ong para mexer com a moral da sociedade. Com a moral de todo mundo. Da direita, da esquerda, do centro. De tudo. Pra mexer. Pra provocar. Provocar o desequilíbrio. Para que as pessoas caiam a ficha. As bichas que se virem. Os héteros. Os homofóbicos também. A gente não está nem aí pra eles. Nem temos a preocupação de convencê-los de nada. Eles que continuem homofóbicos. Não é a nossa proposta. A questão é fazer um debate político sobre o que é democracia na sociedade, o que é direito do indivíduo, o que é direito do uso do corpo.

A autodefinição como “grupo político” e os princípios que pautam a reflexão e a prática *nuanceiras* resultam em definições programáticas mais concretas. Sobre essas definições, nosso entrevistado afirma:

A gente defende, por exemplo, temas que ninguém defende. Nem as próprias pessoas que estão dentro do campo. Por exemplo, a prostituição. Nós defendemos a promiscuidade. A liberdade de trepar com quantos parceiros ele quiser por dia. Trepar com um, com dez, com vinte. Nós defendemos isso. Achamos que isso não é desvio de conduta. Ou a pessoa sem personalidade. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Nós defendemos esses temas. [...] O direito das travestis ficarem na batalha, dando o *close*. Essas coisas morais da sociedade. Então nós temos realmente uma questão de fundo que é política mesmo.

E acrescenta:

Nós questionamos a normalidade da família heterossexual. Nenhum outro grupo tem coragem. Porque são covardes. Porque querem ser assimilados. Nós questionamos a idéia da naturalidade da família heterossexual. Que não tem nada de natural. É tudo artificial. Uma invenção totalmente ridícula. Nós questionamos isso. E questionamos todos

esses valores, essas coisas. Coisas que realmente mexem com essa moral. E, claro, isso nos isola politicamente. [...] Agora nós não queremos fazer militância pra passar por mais umas outras bichinhas quaisquer. Umas idiotas. Como muita gente passa. E acha que está sendo altamente revolucionária. Não é isso que a gente quer. Isso já está claro pra nós.

Assim, é através das lentes da (dos valores inerentes à) política que o Nuances estabelece seus objetivos, traça suas estratégias, define os desafios específicos daquele momento e faz sua leitura das questões e dos meios apropriados para seu enfrentamento. As palavras e os termos utilizados no discurso *nuanceiro* expressam a definição da entidade sobre os desafios daquele período (segunda metade dos anos 1990) e os objetivos (políticos) perseguidos no enfrentamento cotidiano dos desafios de tornar o grupo visível e conhecido, de ganhar credibilidade, respeitabilidade e legitimidade para a entidade entre os gays, as lésbicas, os bissexuais, as transexuais, as travestis e também entre os proprietários das casas do chamado “mercado GLS” de Porto Alegre e na sociedade mais ampla, aproximação à população alvo, de estimular a adoção de posturas de protagonismo entre os GLBTTs na luta contra o preconceito e em favor de sua cidadania, de estabelecer de parcerias, de levantar a autoestima do público alvo etc.

Por fim, chama-se a atenção para o fato de que a oportunidade e a urgência da intervenção em favor de “práticas sexuais seguras” não deveriam implicar a perda de vista da questão de fundo que movia o conjunto das atividades desenvolvidas pelo grupo, mas sim a *identidade política* que alicerçaria as práticas dos ativistas e determinaria a diferença entre a entidade e as demais organizações do movimento. O discurso de um dos coordenadores citado acima expressa a carência interna da formulação de uma identidade política claramente definida e traduzida em posições a respeito da sexualidade humana, das homossexualidades, dos processos sociais e das relações de poder que os constitui. É possível reconhecer que o apelo mesmo em favor dessa questão já indica a existência de inquietação interna a esse respeito, sendo o “valor político” o critério definidor. Essa inquietação expressa-se ainda na resistência à atuação *nuanceira* como “braço do Estado”, ou como “substituição do Estado” – tal como vinha sendo feito “imaturamente” por outras organizações do movimento – e na idéia de submeter o ativismo cotidiano do grupo a um projeto de “transformação social”.

Uma das características dos projetos “Poa noite homens”, “Fortalecimento das ações preventivas” e “Pegação segura” era o

desenvolvimento de campanhas e a produção/difusão de materiais gráficos relativos a seus apelos. No discurso *nuanceiro*, esses materiais gráficos seguiam na contramão do “discurso moralista” prevalente nas campanhas promovidas/veiculadas pelo Estado e por muitas organizações do movimento nos anos 1990. Em oposição ao discurso fundado nas noções de “grupos de risco” e “comportamentos de risco” das campanhas oficiais, o Nuances optava pela idéia da “pegação segura”. Um ativista do grupo afirma que os grupos homossexuais “acabam compactuando com campanhas conservadoras, como redução do número de parceiros e a monogamia como métodos de prevenção” (GOLIN, 2002, p. 159). Na avaliação do projeto “Poa noite homens”, presente no documento publicado em 2003, afirma-se:

Em que pese tais dificuldades [dificuldades detectadas ao longo da execução do projeto], pudemos diagnosticar que as respostas ambicionadas, bem como a continuidade dos futuros projetos, dependem fundamentalmente da diferenciação entre a linha ideológica e as estratégias de intervenções das campanhas oficiais. Note-se que estas ainda são fatalistas e imediatistas, promovendo insegurança e ansiedade nas pessoas, e impedindo que elas se definam pela adoção de práticas de sexo seguro. Exemplo das linhas adotadas pelas campanhas oficiais são as que remetem para a idéia de redução no número de parceiros (incentivo à monogamia); para a indução, no imaginário social, da associação da doença ao uso de preservativos; para a associação da morte com a AIDS; e para a associação da vergonha/medo do sexo (2003, p. 22).

Em contrapartida, a perspectiva *nuanceira* funda-se na idéia de que

É extremamente importante implementar ações preventivas diretas e claras, sem acuar a população alvo, sem constrangê-la, mas educando-a para uma postura de vida mais segura e responsável. Tais ações, com o tempo, revelar-se-ão como fonte de economia para os recursos públicos, pois certamente reduzirão substancialmente os gastos com os tratamentos para HIV/AIDS aplicados até o momento (2003, p. 22).

No capítulo relativo às estratégias de intervenção, esclarece-se que

Os materiais gráficos produzidos pelo projeto trazem informações técnicas, mas principalmente uma estética e informações que não estão diretamente ligadas à epidemia, mas sim à autoestima das pessoas e aos seus direitos enquanto cidadãos (2003, p. 11).

Outra preocupação interna desse período era com as questões da violência e da discriminação praticadas contra os gays, as lésbicas, as transexuais e as travestis. A visão *nuanqueira* sobre tais questões tinha por base a idéia de que as práticas de violência e discriminação comprometiam a autoestima dos indivíduos identificados socialmente a partir dessas categorias. Assim, fazia-se necessário um empenho em favor de sua reparação. No grupo, essa preocupação resultou no encaminhamento de uma campanha baseada na idéia de romper o silêncio e na produção de uma cartilha com esse título. Trata-se de um informativo sobre os direitos do cidadão, inclusive sobre o artigo 150 da lei orgânica do município de Porto Alegre, e de um guia sobre “como proceder” para encaminhar denúncia a partir de um levantamento de diferentes situações de violência e discriminação sofridas pelos indivíduos referidos acima.

A cartilha *Rompa o silêncio* foi lançada em 1998, mesmo ano em que o *Jornal do Nuances* apareceu. Tomados em conjunto, o discurso *nuanqueiro* ilustrado nas citações acima, os projetos e as campanhas desenvolvidas com o emprego de materiais gráficos diversificados, o lançamento de uma cartilha voltada para o reforço da autoestima da população GLBTT e a edição de um jornal para a difusão das posições políticas do grupo podem ser vistos como indicadores do empenho *nuanqueiro* em construir a imagem do Nuances na esfera pública local e nacional a partir da segunda metade dos anos 1990.

O trabalho de prevenção ao HIV (a presença dos agentes de saúde com o projeto “Poa noite homens” nas casas GLS) e as campanhas em favor da “pegação segura” foram os “carros abre-alas” para os acessos da cartilha *Rompa o silêncio* e do *Jornal do Nuances*. Em entrevista para esta pesquisa, um dos coordenadores da entidade afirma:

Desde 1991, a gente vinha fazendo algum tipo de comunicação com o público. Através de pequenos boletins, a gente sempre trazia alguma mensagem, alguma frase de efeito. Alguma idéia que representasse mais ou menos o que a gente queria politicamente. A partir de 1995, a gente começou a produzir materiais um pouco mais sofisticados e com mais conteúdo. A gente foi percebendo que também não era um veículo de comunicação mais consistente, mais periódico. Que traduzisse o que a gente estava pensando, o que a gente queria provocar na sociedade. E daí surgiu em 98, o jornal.

Essa afirmação indica o papel estratégico conferido à comunicação dentro do grupo Nuances, a consciência das possibilidades e limitações

comunicativas dos materiais gráficos e boletins produzidos para as campanhas e a necessidade de produzir um veículo de comunicação com mais conteúdo e mais apropriado à reflexão política. Com o trabalho em favor da prevenção ao HIV/Aids, assim como o acesso aberto através desse trabalho, o grupo fez o *Jornal do Nuances* chegar à sociedade e, por meio deste, o discurso político que *realmente* interessava.

Especificamente sobre o jornal, no documento de 2003 sobre o projeto “Poa noite homens”, afirma-se que

Desde 1998 o nuances vem produzindo o periódico *Jornal do Nuances* e hoje, na sua vigésima quinta edição, o jornal alcançou o marco de 15.000 exemplares e se consolidou na cidade de Porto Alegre e no movimento homossexual do país como uma *mídia capaz de enfrentar a invisibilidade das homossexualidades* (grifo nosso). Ao apostar na transversalidade política e cultural que compõe fatos e reflexões sobre o lugar de gueis, lésbicas e travestis no cenário social brasileiro, lançando mão de uma linguagem própria, o *Jornal do Nuances constitui-se como importante estratégia de problematização dos direitos humanos acerca da livre expressão sexual*. Pelo grande alcance que possui e pela *sua argumentação estética e política*, o impacto deste veículo pode ser avaliado no instante em que vem funcionando como mais um *intercessor entre Sociedade Civil e Estado, ao educar para a cidadania, formando opinião e fomentando a participação social* (2003, p. 8).

E acrescenta:

Regularmente a presença dos agentes de saúde do projeto [“Poa noite homens”] foi estabelecendo um diálogo com os proprietários e clientes [das casas do “mercado GLS” local]. A presença dos materiais gráficos do projeto foi se tornando algo comum nos locais. Quando em 1998 começou-se a produzir o *Jornal do Nuances*, este contato se tornou mais efetivo e hoje já é comum nossa presença nestes locais (2003, p. 11).

No item sobre o projeto “Fortalecimento das ações preventivas”, presente na revista *Nuances – trajetória de um grupo guei e lésbico em Porto Alegre*, de janeiro de 2005, afirma-se:

Com mesmo financiamento do POA NOITE, [o referido projeto] visa trabalhar questões relacionadas aos direitos humanos, visibilidade, política e assuntos culturais visando um aumento da autoestima da população guei

para a adoção de práticas sexuais mais seguras. [...] O *Jornal do Nuances* é um veículo onde a entidade mantém um diálogo com a sociedade, colocando suas convicções políticas através dos mais variados assuntos de interesse social. Além disso, o jornal escreve a história da homossexualidade em Porto Alegre e Rio Grande do Sul, divulga a cultura guei e lésbica e das travestis, estimula uma socialização fora dos guetos gueis, e, entre outras informações, divulga a agenda e atividades do grupo (2005, p. 4).

Essas citações informam que, pelo menos, duas questões eram decisivas para o grupo em relação ao *Jornal do Nuances*. Em primeiro lugar, fazia-se necessário avançar no projeto de “tornar o grupo conhecido”. Era necessário investir na visibilidade (do grupo e também de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) e no reconhecimento social do grupo Nuances em termos de legitimidade e credibilidade. Em segundo lugar, era preciso consolidar no “imaginário social” a idéia de que o grupo não era mais uma ONG/Aids que pleiteava recursos do Estado em favor da saúde de grupos sociais discriminados. Esses foram os dois grandes desafios enfrentados no período de lançamento do jornal.

As preocupações referidas acima indicam que o grupo concebia o jornal como um veículo para responder a *muitos* e *difíceis* desafios e para atender a múltiplas exigências. Nesse sentido, sua função era estratégica em relação aos objetivos políticos que vinham sendo definidos pelo grupo desde a sua fundação no início da década de 1990. O jornal foi concebido para inserir-se em (e cumprir) metas de curto e longo prazo, devendo ser o veículo para estabelecer um diálogo político. Na verdade, múltiplos diálogos. O Nuances havia estabelecido seus objetivos institucionais e políticos, definido seus interlocutores preferidos e o veículo adequado para alcançá-los. Na segunda metade da década de 1990, deveria ganhar espaço no debate público como uma instituição com legitimidade e credibilidade e estabelecer parcerias estratégicas. O jornal seria, então, o veículo para o alcance dessas metas.⁵

⁵ A definição *nuanqueira* do sentido estratégico conferido ao *Jornal do Nuances* pode ser percebida numa opinião expressa por um dos coordenadores do grupo em entrevista concedida para esta pesquisa. Referindo-se ao desafio representado pela sustentação financeira do jornal, esse informante afirmou que “a gente não tinha condições de produzir um jornal em 1998, em Porto Alegre. A gente não tinha anunciantes que mantivessem o jornal. Que fosse autossustentado. Aí não haveria possibilidade. E o jornal é financiado pelo Programa Nacional de DST/Aids. Esse jornal é feito através de um financiamento público. É ainda um grande desafio produzir o jornal por nós mesmos. Nós conseguimos produzir duas edições sem financiamento. Que nós reduzimos o número de páginas. Eram só oito páginas. E todo em preto e branco. [...] Sem os financiamentos seria muito difícil. Eu não saberia dizer. Porque a gente teria que ter passado por isso. A gente teria feito, com certeza. Mas em menor número de edições. E bem mais simples. Então, o financiamento é fundamental”.

Os múltiplos diálogos *nuanceiros* advêm da eleição dos interlocutores fundamentais para os objetivos do grupo: os homossexuais (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais),⁶ os proprietários das casas do mercado GLS (o gueto), a sociedade mais ampla (com destaque para as entidades sindicais e políticas democráticas e populares da chamada “sociedade civil organizada”) e o Estado.⁷ A pauta de discussão proposta abrangia questões como a necessidade de enfrentar o preconceito contra as homossexualidades e sua invisibilidade, o rompimento com a clandestinidade do gueto e a busca da visibilidade pública, o reforço da autoestima da população GLBTT, a problematização dos direitos humanos em favor da livre expressão sexual, a educação para a cidadania, entre outras. Para viabilizar esse projeto, os editores elegeram a *argumentação estética e política* como um dos aspectos centrais da configuração do veículo em gestação.

Em última instância, o papel do *Jornal do Nuances* seria reforçar os projetos institucionais de tornar a entidade “conhecida”, de apresentar suas convicções políticas, de conquistar parcerias, de diluir qualquer imagem instalada e circulante no “imaginário social” a seu respeito como ONG/Aids e de promover a imagem do Nuances como “grupo político”. Dada essa base programática e através de uma “linguagem própria”, o jornal seguiria destacando as posições político-ideológicas defendidas pelo grupo que o produz.

O destaque midiático *nuanceiro* ao ponto de vista político é um dos aspectos por meio do qual é possível contrastar o *Jornal do Nuances* em relação a outros veículos da mídia hegemônica informativa. Sobre esse contraste, em entrevista para esta pesquisa, um dos coordenadores do grupo afirma:

É a maior falácia dizer que não existe censura na mídia brasileira. Todas elas são feitas de censura. Todas! Todos os jornais. Porque os editores dizem: “eu quero mais ou menos

⁶ Em entrevista para esta pesquisa, um dos coordenadores do Nuances afirma: “nós queremos atingir o máximo possível da sociedade. Porque entendemos que seria um equívoco político fazer um jornal só para os homossexuais, por exemplo. Porque essa questão [da homofobia, da discriminação contra homossexual] não é uma questão dos homossexuais. É uma questão da sociedade. [...] Tanto que ele é distribuído na sociedade. Não é só no gueto. E poderia fazer um jornal mais específico, só para o interesse dos gays. Mas eu acho que, politicamente, seria perder muito espaço. A gente nunca teve essa perspectiva de fazer um jornal só para os gays. Que é o que todos os grupos têm. ‘Pra nossa classe’, que é o que eles dizem. Essa bobagem toda. Nós temos a perspectiva de, a partir da perspectiva das homossexualidades, nos comunicar com toda a sociedade”.

⁷ Certamente, as organizações do movimento homossexual constituem mais um interlocutor do grupo Nuances através de seu jornal. No entanto, sua ausência nesse mapa de interlocutores eleitos decorre do fato de que, naquele momento (segunda metade da década de 1990), o grupo estava se movendo em busca de parceiros e do estabelecimento de relações de parceria. Antes de voltar-se para o estabelecimento de parcerias, a interlocução entre o grupo Nuances e as demais organizações do movimento homossexual, através do jornal, volta-se muito mais para a crítica *nuanceira* do seu “conservadorismo” e, portanto, para demarcar as diferenças políticas e culturais entre o “nós” (o próprio grupo Nuances) e o “eles” (os grupos do movimento).

assim”, “eu quero isso, quero aquilo”, “isso eu dou mais atenção, isso eu dou menos atenção”. Isso é uma forma de censura. Essa coisa da imparcialidade da mídia, isso é um discurso mentiroso. Isso é uma palhaçada, uma bobageira. Nós assumimos isso. Nós temos muito claro o que queremos com o nosso jornal. A gente seleciona. Nosso jornal é parcial. Totalmente parcial. Como todos são. A *Folha*, a *Zero Hora*. Todos são parciais. Eles dizem: “Ah, a gente dá os dois lados da matéria!” Mas não é isso que estou discutindo. A coisa é bem mais profunda. É uma pessoa (ou duas) que diz na *Folha de S. Paulo*: “Essa matéria, duas páginas. Essa só uma. Essa a gente não bota nada”. Tudo censura! E isso acontece todos os dias, a toda a hora. E está acontecendo agora em todas as mídias do mundo inteiro. Então, é um discurso furado que existe em nossa sociedade. [...] Então o nosso jornal é um jornal parcial. A gente sabe quem a gente vai convidar. E mesmo que a pessoa escreva alguma coisa que a gente não concorde, não interessa. A gente convidou. Vai colocar, vai respeitar. Por uma questão de ética. E essa é uma questão. Agora o nosso jornal é um jornal parcial. E a gente sabe muito bem o que a gente quer.

Esse destaque político favorece ainda o contraste entre o *Jornal do Nuances* e os demais veículos da chamada “mídia gay”, ou, em particular, os veículos desse segmento de mídia provenientes do mercado. Refletindo sobre os diferentes modelos de mídia gay disponibilizados pelo mercado editorial brasileiro e sobre os modelos com os quais o grupo não se identifica e, portanto, tende a rejeitar, um dos coordenadores do grupo contou:

A gente acha que tem espaço para todas as mídias. Como na sociedade como um todo. Só imagens, só artigos. Isso e aquilo. Nós não poderíamos ser um jornal, uma mídia [pela perspectiva política do Nuances], como foi aquela revista *OK*, a *Sui Generis*. Tinha uma matéria lá, razoável, de interesse assim mais político. Mas, na realidade, o resto era só perucagem. Coisa mais da intimidade, do mercado, de consumo, do *close*, do modelo, do *ibope*. Pra nós, na nossa perspectiva política, não teria como. Nós não faríamos uma mídia dessa. Não tem como. [...] Não poderia ser uma mídia que trabalhasse só a futilidade.

Por outro lado, o *Lampião da Esquina*, jornal carioca da “imprensa alternativa” voltado para o público homossexual na virada da década de 1970 para a de 1980, é a principal referência para a construção do *Jornal do*

Nuances. Isso não quer dizer que os editores do periódico gaúcho não tenham uma reflexão crítica a respeito de seu referente. Pelo contrário, conforme um entrevistado da entidade esclarece na citação abaixo, as diferenças entre esses jornais existem e são consideradas na produção do jornal gaúcho.

O *Lampião* não tinha uma comunicação de estar tão próximo da... Ele tocava as pessoas com toda a sua irreverência. Mas nós trazemos coisa mais do dia a dia. A denúncia do shopping, as lésbicas que apanharam e a gente foi lá e fez uma manifestação. Porque isso sensibiliza as pessoas também. Nós nos aproximamos mais da população, das pessoas homossexuais. A gente trabalha aquela coisa do dia a dia. O *Lampião* trazia textos enormes, crônicas muito interessantes. Mas crônica é crônica. Aquelas entrevistas eram ótimas e maravilhosas. Abusadas. Eu acho que nós não temos condições... Eles eram muito mais capazes e qualificados do que a gente pra fazer aquele tipo de jornalismo. Mas a diferença é que a gente se aproxima mais da sociedade como um todo. Ele tem essa perspectiva, né? E também essa preocupação de ser um pouco irreverente, na medida do possível. E eu acho que o nosso é mais formal do que o *Lampião*. No *Lampião*, as bichas eram loucas. No bom sentido.

Em contraste às referidas experiências de revistas e do jornal, os editores *nuanceiros* buscam definir sua particularidade através da adoção de certos princípios e procedimentos tais como se verifica no trecho que segue da entrevista realizada para esta pesquisa.

Nós teríamos que aliar. Tanto fazer alguma coisa que atraísse as pessoas, que as pessoas olhassem... Tanto é que a coluna *É UÓ* deu um grande debate no *Nuances*. Eu, por exemplo, era contra que fizesse aquela perucagem. No início. E as pessoas diziam: 'Mas as pessoas vão olhar aquilo e vão olhar o resto do jornal. Daí vão olhar as matérias que interessam'. Ou seja: discutimos e achamos que tinha que ter aquela coluna social. E hoje eu estou convencido que tudo bem, foi correto a gente ter colocado a coluna social. Porque as pessoas vão ver aquilo e vão ver outras coisas também, realmente. Mas a perspectiva nossa é que o jornal teria que retratar o projeto político do *Nuances* (grifo nosso).

Essa citação expressa o desafio da invenção do projeto midiático (jornalístico) *nuanceiro* e mostra como, pelo debate interno, avançava-se em

direção a uma conciliação entre duas ordens discursivas vistas internamente como contraditórias. A fala do entrevistado permite perceber que a construção do perfil do jornal foi feita mediante o atendimento de exigências tais como aliar e dosar (misturar nas proporções *necessárias*) a “perucagem/futilidade” e a “política”. Tal era a condição para alcançar a recepção e favorecer a consecução dos objetivos para os quais o jornal estava sendo concebido. Desse modo, assim como o trabalho dos agentes de saúde na prevenção ao HIV/Aids havia sido tomado como “carro abre-alas” para o trabalho político que lhe dava ancoragem, o discurso da “perucagem/futilidade” foi percebido como um tipo de discurso que, sendo atraente ao interesse imediato de uma parcela significativa de leitores e leitoras, levasse esse leitor (e essa leitora) ao discurso político que, de fato, importava.

Um exame do expediente do *Jornal do Nuances*, publicado no canto inferior esquerdo da página 02, abaixo do Editorial, permite perceber a ocorrência de regularidades que informam sobre a estrutura organizativa e o processo de produção desse periódico. Chama a atenção, por exemplo, a informação sobre a existência de um “coordenador do projeto” e de colaboradores. Normalmente, por “coordenador do projeto”, o jornal refere-se à pessoa que coordena todo o coletivo e, em consequência, todos os projetos desenvolvidos internamente, já a denominação “colaboradores” abrange desde os(as) ativistas contratados/assalariados e/ou voluntários nas atividades ordinárias *nuanceiras* até pessoas que colaboram com artigos, fotografias ou outras formas de contribuição para cada edição específica. Refletindo sobre as relações pessoais internas para a produção do jornal, um ativista entrevistado afirma:

Ele começa com o seguinte: a gente tem tantas edições num tempo determinado. Então, a gente mais ou menos se programa. Vai sair um daqui a um mês. Em um mês e meio sai o outro. E aí a gente começa, com o tempo, nos empurrando, aquela questão da pressão do tempo... Daí a gente começa a definir. Conversa aqui, conversa ali. As vezes as coisas são conversa informal. Nem tem reunião. As vezes, conversa aqui na sede. Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Então, *é feito de uma forma bem amadora* (grifo nosso). E aí se define uma pauta principal. Um assunto. Ou dois. Tem coisas que é o próprio trabalho do Nuances... Na próxima edição já tem nota demais. Notas só de atividades que nós participamos. Palestras em universidades, debates, isso e aquilo... Ou seja: isso já é produzido naturalmente. Os projetos, relatórios de projetos. Mas sempre tem uma coisa nova. Uma entrevista com alguém. Uma matéria [...].

O trecho acima transcrito indica que o jornal é produzido sob um regime de autogestão e com grau elevado de informalidade. Segundo esse entrevistado, são quatro os ativistas que se envolvem mais diretamente na produção do jornal. Assim, essa produção resulta, portanto, do envolvimento de poucos participantes, bem como da isenção de qualquer burocracia e hierarquia entre eles, que não têm formação acadêmica em jornalismo.⁸

Certamente, a idéia de que a perspectiva do jornal deveria retratar o projeto político do grupo impõe a explicitação de uma síntese desse projeto. A citação abaixo permite depreender o foco principal constitui a crítica *nuanceira* à construção social do “sujeito homossexual” e, portanto, à moral e à linguagem empregadas para tal construção. Segundo nosso informante:

Mexer com a moral da sociedade (grifo nosso). Que é por isso que eu falo da *questão da linguagem*. É evidente que nós começamos isso com a questão da linguagem. Porque a gente achou que politicamente a gente deveria ser um pouco provocativo também. *Ter uma perspectiva assim, não de ser assimilado, de ser acomodado*. De ser mais um meio de comunicação como um jornal de bairro ou de um sindicato. Que vai traduzir o que está querendo ali, as lutas. Mas também provocar a moral da sociedade. *Para provocar a moral da sociedade, a linguagem é fundamental*. No nosso entendimento, tu se comunicar através de palavras que até então eram menosprezadas dentro da sociedade. Como *bicha, veado*. E outros termos que a gente usa no jornal. Naquele debate da ressignificação dos termos, das palavras. A gente pode estar se apropriando e travando uma relação de poder com os setores mais conservadores da sociedade. [...] Fazer a denúncia do que está acontecendo em relação à homofobia. [...] E também trazer assuntos de debates e notas que fosse modificando toda *aquela idéia construída em relação a esse sujeito homossexual*. Que é a idéia da perversão, a idéia da desconfiança, a *idéia dessa*

⁸ Num primeiro momento, o Nuances contratou uma jornalista profissional. Sua atuação ocorreu até a edição número cinco. Segundo um militante entrevistado para esta pesquisa, o papel da jornalista foi assessorar o grupo nas noções e nos processos básicos de produção de um jornal e, assim, compensar a ausência de militantes com formação e experiência profissional na área. Nosso entrevistado afirmou que, a partir da contribuição dessa jornalista, “algumas pessoas do Nuances foram se especializando em fazer entrevista, outras em tirar fotos, outras em fazer notas. Algumas pessoas têm mais facilidade com o Português e foram se dedicando mais às correções, às revisões. E esse processo foi se estabelecendo historicamente na medida do interesse das pessoas. Mas, com certeza, ele [o jornal] é produzido de uma forma bem... Eu não vou dizer irresponsável. Seria uma forma que não cabe. Ele não tem pessoas definidas pra fazer aquilo. Que seja como um jornal tradicional”. Esse relato indica que, embora a gestão/produção do *Jornal do Nuances* e de seu perfil editorial tenha se dado a partir da consultoria de uma jornalista profissional, prevaleceu o protagonismo dos ativistas *nuanceiros* e as exigências próprias do campo do movimento homossexual.

*moral da normalidade da sociedade. Ou seja: mostrando uma outra perspectiva. [...] Não a partir daquela idéia de se justificar pra sociedade. Que nós somos normais como os héteros. E colocando numa perspectiva política de relações de poder. De igual pra igual. Provocando inclusive a normalidade da heterossexualidade. [...] E tirando os homossexuais da vitimização, né? [...] Não vamos dizer “nós os discriminados”, “nós os injustiçados”, “nós que não temos direito disso”... Como fazem os outros jornais. E nós não. Nós queremos é provocar um debate em torno da questão. [...] Por isso eu acho que, muitas vezes, ele [o jornal] provoca muito mais os homossexuais do que os heterossexuais. [...] Que muitos homossexuais não gostam. Não gostam porque usamos linguagem provocativa. E porque também nós discutimos a própria moral dos homossexuais. O moralismo, o conservadorismo. [...] Se tu pegares o gay que hoje está mais em ascensão... É a questão da novela, a questão do gay classe média, do consumo, da estética... Eles não gostam muito. Porque a gente fala **bicha**. E eles não gostam. [...] E a gente gosta mais da **bicha bafona**. Aquela coisa que provoca a moral. Que cria um malestar. Por isso a gente bota o peito de uma travesti na capa do jornal. Na parada, a gente provoca situação da bicha de bunda de fora, de bunda pra cima. Por que isso provoca a moral dos homossexuais conservadores e dos heterossexuais conservadores. E isso, politicamente, para nós, é extremamente relevante.*

Dentre os inúmeros aspectos que podem ser levantados a partir do exame dessa síntese do projeto político do Nuances (e de suas repercussões na feitura e nos conteúdos presentes no jornal), podemos chamar a atenção para a ausência de referências às questões de saúde e de prevenção ao HIV/Aids (que, vale recordar, foram os elementos centrais da atuação externa do grupo na segunda metade da década de 1990). Sobre essa ausência, nosso informante afirma:

O Programa Nacional, quando começou a trabalhar com a questão do HIV/Aids e tal (da epidemia), chegou a uma conclusão que não poderia trabalhar a epidemia a partir só da idéia de saúde. “Ah, assim pega”, “assim não pega”, “se cuida”, “não faça isso”, “não faça aquilo”. E viam que tinha que trabalhar a questão da autoestima, direitos humanos, toda a vulnerabilidade que atinge os homossexuais. Nós, quando começamos a trabalhar, a gente já sabia disso. A

vulnerabilidade dos homossexuais é muito pela própria invisibilidade e pela situação de marginalidade que se construiu através das relações de poder, do discurso religioso, do discurso moral da sociedade, do discurso da ciência. É isso que a gente mexe. Mexia e mexe. E mexendo nisso, automaticamente deixa o sujeito muito mais autônomo. E com um poder de decisão sobre, ele tem muito mais autonomia. E isso é um desafio. [...] Então está dentro. Mas de forma muito disseminada. Muito fora. *Nós somos cobrados. Porque é um jornal financiado pela aids, mas que fala muito pouco de aids. E é verdade. Tem edições que não tem nem a palavra. A gente evita mesmo (grifo nosso). Eu vou te colocar de uma forma bem clara. Ah, a gente não vai fazer um jornal que vai ficar dizendo: “ah, se cuide”, “use camisinha”. Não é isso. Eu acho um desperdício. Utilizar um jornal pra ficar colocando isso. Mas as vezes a gente coloca matéria de saúde. Como a que foi pra capa do último jornal. É um cartaz de uma campanha de prevenção da Aids que a gente está fazendo. Mas a gente achou que era uma idéia interessante. E colocamos ali. Mas não ficamos reféns dos financiamentos a partir dessa perspectiva de saúde.*

Essa síntese do projeto político do grupo Nuances (e sua tradução nas capas, títulos, fotos, entrevistas, editoriais, reportagens, artigos e notas publicados no *Jornal do Nuances*) apresenta uma série de indicadores que confirmam a justeza da nossa hipótese de trabalho. Nossos grifos chamam a atenção para o fato de que um aspecto central do empenho midiático *nuanceiro* diz respeito à crítica que os ativistas do grupo mantêm em relação às posturas de *silenciamento* e *estereotipização promovidas* por grande parte dos veículos da mídia hegemônica sobre as homossexualidades, como também às posturas de normalização/domesticação das homossexualidades expressas no estilo de militância (e, inclusive, no discurso) da maioria das lideranças e entidades do movimento homossexual brasileiro e no *estilo de vida* de uma parcela significativa de indivíduos identificados como homossexuais.

Frente ao que é reconhecido internamente como procedimentos moralistas e conservadores, o grupo Nuances e o *Jornal do Nuances* tomam para si as tarefas de fazer a crítica daquelas estratégias, de chamar a atenção da sociedade para suas implicações morais e, principalmente, de denunciar o comprometimento da cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais que elas implicam. Em alternativa a tais estratégias, a alternativa *nuanceira* centra-se na proposição, para as homossexualidades, da *visibilidade transgressora*.

Essa proposta funda-se na idéia de que só a atitude transgressiva (o malestar que ela provoca) pode contribuir efetivamente para a crítica e para a revisão moral na sociedade e, em consequência, revolucionar as relações de poder existentes no presente. O acolhimento da “bicha bafona” em detrimento do “gay classe média” presente no discurso *nuanceiro*, o interesse em “mexer com a moral da sociedade”, em provocar essa moral, sintetiza o pensamento e a prática do grupo. Dito de modo esquemático, o *Jornal do Nuances* expressa a promoção do embaraço político e moral do “gay classe média” e a celebração da “bicha bafona” por uma ONG homossexual na cidade de Porto Alegre.

Segundo um ativista *nuanceiro*, a postura “provocativa” assumida pelo grupo (e a decisão de tomar o jornal como um veículo para expressá-la) tem causado respostas de diferentes origens (inclusive político-institucionais) e de diferentes naturezas. Dentre as respostas “desfavoráveis” aos interesses do Nuances, esse informante chama a atenção para as críticas apresentadas pelo que chama de “gay classe média” ou “bichas conservadoras”:

As críticas das bichas, às vezes, são muito fúteis ou muito baratas. A gente não acredita. As imagens... Muito agressivo, por exemplo. Colocar que nós colocamos uma foto de uma parada. Que era uma bicha com os peitos de fora, abraçada com uma família, cheio de crianças junto. Foi uma foto que foi tirada naturalmente! As pessoas que tiraram a foto não se importaram. Mas as pessoas que viram se importaram. Então existe uma crítica que a gente exagera. Uma crítica meio de censura, dessa moral. Uma crítica um pouco moralista.

No inventário das críticas, há ainda o discurso proveniente das organizações do movimento homossexual brasileiro, cujas lideranças são vistas como as “bichas reacionárias do movimento”. Segundo esse mesmo informante, as críticas expressam

Que nós usamos uma linguagem que não é adequada para um grupo gay. Pra gente conseguir espaço na sociedade. É uma linguagem equivocada. Que ao invés de aumentar nosso espaço, vai diminuir. Porque vai de encontro com os discursos mais conservadores. Porque eles acham que a gente tem que ter uma postura fina, politicamente correta. Então, isso é uma crítica política dos militantes. [...] De fazer aquela puxação de saco, botar sempre a foto do ministro, do secretário de saúde. A gente não faz mesmo. Não é porque a gente tem o financiamento público. O dinheiro é nosso. Essa é a resposta. As pessoas não sabem disso. Então, ela tem

que ficar puxando o saco. Botando a fotinha disso, a fotinha daquilo. E usando aquela linguagem toda politicamente correta. Que eu acho pobre, desnecessária e fútil. Acho um lixo a linguagem politicamente correta. Tanto da mídia tradicional. Eu acho ridículo.

Outra ordem de respostas “desfavoráveis” aos interesses do grupo diz respeito ao distanciamento institucional e político promovido por pessoas e/ou organizações, com o conseqüente isolamento político do Nuances. Conforme a citação seguinte, para nosso informante, tem havido iniciativas de afastamento (tentativas de isolamento) que estão diretamente associadas a uma reprovação moral e política da (ou uma atitude ambígua em relação à/ao) prática e do pensamento *nuanceiros*.

A gente vê que muitas pessoas e setores da sociedade se afastaram um monte da gente. Literalmente se afastaram da gente. Essas relações de poder. Bah! Pessoas que apoiavam a gente se afastaram totalmente. Porque a gente não usa o jornal para manter aquela relação de troca de favor. O que é a regra da política brasileira. Então, quando essas pessoas viram que a gente não ia ser um braço desses setores, acabaram se afastando. E a gente perdeu totalmente o contato. E críticas porque o nosso jornal é financiado e tem anúncios comerciais. Que o nosso jornal só faz política da entidade. Essas críticas não faltam. Mas essas críticas são localizadas e são intencionais. A gente sabe de onde vêm, como vêm e por que vêm.

Refletindo sobre as conseqüências desse processo para o movimento homossexual brasileiro, um dos coordenadores do grupo Nuances afirma:

O movimento, por enquanto, não vai se isolar da mídia. Porque há vários movimentos. Nós [o Nuances] fazemos um movimento. Outros grupos fazem outro movimento. Movimento de assimilação. Movimento da bicha politicamente correta. Do caszinho gay que consegue se comportar na novela. Que não é bafão. Que não faz falcutra. Que é politicamente assimilável pelo padrão heterossexual. Que se molda à idéia da família heterossexual. Então o movimento gay tem essa perspectiva. Não vai se isolar como um todo. Agora nós... Particularmente, a nossa discussão, ela pode, com certeza, a gente está caindo num isolamento. A gente faz essa discussão seguidamente. Em relação até ao próprio movimento.

Esse trecho permite perceber que, para o grupo, o processo de isolamento e de marginalização referido não pode ser visto como proveniente da sociedade mais ampla em relação ao movimento homossexual e à população homossexual tomados em conjunto e de modo indiferenciado. Não se observa, na avaliação *nuanqueira* sobre esse processo específico, uma atuação discriminatória da sociedade que teria na mídia um de seus canais de expressão. Pelo contrário, o processo é desencadeado dentro do próprio movimento e tem o grupo Nuances como alvo preciso. Em resposta à ação discriminatória, nosso informante reconhece:

O que acontece é o seguinte. O que muda a sociedade? Essa gente vai mudar alguma coisa? No nosso entendimento, nada! Vão ser mais umas bichas assimiladas. Que vão ser sempre cidadãos de segunda categoria. Que elas não se esqueçam disso. Elas jamais vão ser de primeira categoria. Porque elas vão ser sempre *bichas* nesta concepção conservadora, preconceituosa. E nós não queremos isso. Porque nós já sabemos que vamos ser cidadãos de segunda categoria. Bem antes de fazer o jornal. A gente tem noção disso.

Esse relato indica que a história do grupo Nuances e do *Jornal do Nuances* pode ser vista como um processo marcado por três momentos claramente demarcáveis. Num primeiro momento, tem-se a história da busca por reconhecimento social e por parcerias por um determinado grupo voltado para a defesa da “livre expressão sexual”. Num segundo momento, tem-se a história do uso de um periódico para a difusão de uma crítica política e moral da sociedade, dos LGBTTs e do movimento homossexual, fundada na rejeição, por esse grupo, à proposição (pelos homossexuais e pelo movimento homossexual) e à aceitação (por alguns setores da sociedade mais ampla) de uma visibilidade homossexual assimilável ao padrão heterossexual. Num terceiro momento, tem-se a história da perda de alguns parceiros conquistados e de um processo de *isolamento* e *marginalização* do grupo dentro do movimento homossexual.

A busca de reconhecimento social e de parcerias pelo grupo Nuances foi feita a partir da orientação geral (do princípio) de promover a saída das homossexualidades da condição de clandestinidade, de atuar em favor de sua visibilidade pública numa perspectiva de *protagonismo* e de direito ao “uso do corpo” (perspectiva fundada na idéia de cidadania) e, ainda, a partir de uma estratégia que valorizava noções como “trabalho”, “seriedade”, “legitimidade”, “credibilidade”. O processo de isolamento *nuancheiro* vem ocorrendo em virtude dos conflitos morais que aqueles princípios, levados à

prática, têm provocado em organizações que, para o Nuances, apresentavam-se como “progressistas” e se revelaram “conservadoras”.

Esse processo vem se configurando como um impasse político dentro do movimento homossexual brasileiro. Sua emergência parece ser decorrente do confronto crescente entre visões que se vêm mostrando opositivas (contraditórias) sobre a construção social do *sujeito homossexual* e sobre a configuração de (modelo) visibilidade homossexual desejada ou requerida pelas diferentes organizações do movimento. O processo examinado pode ser percebido como decorrente da incompatibilidade moral e política entre uma proposta de visibilidade homossexual demandante de “aceitação” da população LGBTT pela sociedade “conservadora” e outra orientada para a alternativa da transgressão como meio para provocar “mal-estar” social e para forçar uma revisão das relações de poder vigentes. Nos termos desta pesquisa, o cenário configurado expressa as emergências de divisões no movimento homossexual, deste movimento como um campo de tensões e de disputas e do *Jornal do Nuances* como uma peça forjada por um coletivo do movimento para uma intervenção política e cultural determinada.

Referências

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2002.

GOLIN, Célio. Aonde não queremos chegar: uma reflexão sobre nossas práticas políticas. In: GOLIN, Célio; WEILER, Luis Gustavo (Org.). *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre (RS): Sulina, 2002. p. 155-163.

GOLIN, Célio. Orientação sexual e os novos sujeitos de direitos. In: FONSECA, Cláudia; TERTO JR., Veriano; ALVES, Caleb Farias (Org.). *Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares*. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2002. p. 233-243.

NUANCES – trajetória de um grupo guei e lésbico em Porto Alegre”, *Nuances – grupo pela livre expressão sexual*, Porto Alegre (RS), janeiro de 2005.

POA noite homens – projeto de intervenção em DSTs/HIV/AIDS dirigido a homens que fazem sexo com homens. *Nuances – grupo pela livre expressão sexual*, 2003, Porto Alegre (RS).

ROMPA o silêncio – os direitos sexuais são humanos. *Nuances – grupo pela livre expressão sexual*, Porto Alegre (RS), 1998.

SEFFNER, Fernando. Visibilidade e atravessamento de fronteiras. *Arquipélago: revista de livros e idéias*. n. 7, Porto Alegre (RS): IEL/CORAG. p. 28-30, outubro de 2006.